

A união dos três grandes devedores

Junto com a Argentina e o México, o Brasil quer que os países credores também colaborem, abrindo mais seu comércio.

O encontro dos três ministros dos países que mais devem no mundo começou às 13 horas, na mesa 23 do luxuoso restaurante **Le Cirque**, perto do Central Park, e foi terminar às 18h30, no Banco do Brasil, com uma surpresa: um comunicado conjunto do Brasil, da Argentina e do México sobre a dívida externa, os organismos multilaterais e comércio exterior.

O ministro Bresser Pereira, saindo para a chuva, na Quinta Avenida, apressado para pegar a sessão do **Les Misérables**, num teatro da Broadway, pediu à imprensa que esperasse a divulgação de um comunicado geral, que estava sendo traduzido do espanhol para o inglês e português. Mas explicou: “O que nós estamos querendo são soluções que garantam crescimento econômico, estabilidade nos investimentos e uma solução a longo prazo para a dívida”.

“Que impacto este documento pode ter nas negociações da dívida que começam amanhã (hoje)?”, perguntou o JT ao ministro Bresser Pereira. E ele, parecendo cansado, respondeu:

“Acho que o objetivo não é este. Foi por acaso que esta reunião aconteceu hoje, e que amanhã (hoje) o Brasil inicia formalmente as suas negociações. Cada um dos países tem problemas diferentes em relação à dívida, estão em estágios diferentes em relação às suas negociações da dívida. Então, este problema estabelece princípios gerais, que são comuns, porque a dívida é o grande problema estrutural do Brasil. Argentina e México.

Comunicado conjunto

O documento que levou quase sete horas para ser elaborado tem a seguinte íntegra:

Como uma forma de reforçar as consultas permanentes que têm ocorrido entre Argentina, Brasil e México, e levando em conta a decisão dos presidentes dos respectivos países, os três ministros responsáveis da área de finanças concordaram em manter reuniões periódicas com o objetivo de examinar suas relações econômicas e as questões de interesse comum, particularmente no que se refere ao comércio e à dívida externa.

Os ministros decidiram que seus encontros deverão continuar realizando-se de forma regular, uma vez por semestre, ou excepcionalmente quando algum acontecimento assim o exija. Desta forma, fica criado o C-3.

Nesta primeira reunião, os ministros concordaram sobre os seguintes pontos básicos:

Dívida externa

1) Só as medidas de ajuste interno não são suficientes para resolver o problema da dívida, que tem repercussões graves sobre a taxa de investimentos, o déficit público e a estabilidade de preços. O problema tem suas raízes nos desajustes da economia internacional, razão pela qual se requer o exercício da corresponsabilidade dos devedores e credores num cenário de crescimento comparilhado.

2) Para garantir uma taxa adequada de investimento é necessário limitar a transferência líquida de recursos para o Exterior.

3) Para garantir a estabilidade para os investimentos, é necessário encontrar mecanismos que permitam: A) maior automaticidade em um adequado refinanciamento dos juros; e B) maior automaticidade nos desembolsos de financiamentos concedidos.

4) Para encontrar uma solução a longo prazo para a dívida, compatível com a efetiva capacidade de pagamento de cada país, é necessário definir formas alternativas de financiamento mais adequadas em relação às taxas de juros e aos prazos hoje vigentes.

Organismos multilaterais

1) Na fase atual, os desembolsos de novos empréstimos por parte dos organismos multilaterais devem superar os juros e as amortizações recebidos dos países devedores.

2) Suas políticas deverão ser orientadas para o desenvolvimento e incorporar um maior grau de flexibilidade.

3) Deve realizar-se a curto prazo o aumento de capital do Banco Mundial e do Banco Interamericano de Desenvolvimento.

Comércio exterior

Os ministros observaram que o serviço da dívida não é compatível com o protecionismo dos países credores. Os superávits, comerciais necessários devem surgir como resultado do aumento das exportações dos países devedores e não através da diminuição de suas importações”.

Assinam o documento os ministros Juan Sourrouille, da Argentina; Bresser Pereira, do Brasil; e Gustavo Petricioli, do México.

Juntos, somavam US\$ 285 bilhões da dívida, e estavam no templo das celebrações, quando começaram a elaborar o documento, na hora do almoço.

O mexicano Petricioli chegou dez minutos antes da hora marcada — 12h30. O ministro Bresser Pereira, que se atrasou à saída do Hotel Intercontinental, conversando com Patricia, sua filha, chegou às 12h50 e passou direto pela porta do restaurante, tendo de ser chamado de volta. Estava distraído com a fotografia da revista Spy, ou “Espião”, ali na porta para flagrar clientes famosos. E o argentino Sourrouille veio a pé, às 12h55.

Na quarta-feira, o dia anterior, tinha almoçado ali, no Le Cirque, o sr. Paul Volcker, ex-presidente do Banco Central americano, e conhecido como Mr. Dólar. Seus clientes normais são Nixon, Nancy Reagan e Pérez de Cuellar. Normalmente, um prato custa de US\$ 17 a US\$ 22,75. A entrada, de US\$ 6,75 a US\$ 22. A salada, de US\$ 12,75 a US\$ 21,75. A sobremesa, de US\$ 4 a US\$ 7,50. Mas o que os maiores devedores do mundo comeram, e quanto deve ter pago o anfitrião, que seria o Brasil, ninguém ficaria sabendo. O dono do restaurante espantava os repórteres gritando-lhes: ‘Finito, Finito’.

Moisés Rabinovici, de Nova York.